



ENTREVISTA

ENTREVISTA COM JORGE SOARES MARQUES:

Um pioneiro da geomorfologia pós reforma universitária de 1968 no Rio de Janeiro (RJ)

Marcio D'Arrochella – UFF – Rio de Janeiro – Brasil
mdarrochella@gmail.com

INTRODUÇÃO

O professor Dr. Jorge Soares Marques (Figura 1) é um nome importante na construção do saber geomorfológico no estado do Rio de Janeiro, no entanto é desconhecido pela maior parte da comunidade científica debruçada nos estudos de Geomorfologia.

É um dos pioneiros pós reforma universitária em 1968, tendo lecionado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969- 1998), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1999) e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2000 – 2013), no entanto, suas poucas publicações não expressam a grandiosidade da sua contribuição para o ensino e pesquisa em Geografia.

Esta entrevista tem como finalidade dar visibilidade ao seu trabalho, valorizando tantos outros professores que com ele e como ele, contribuíram para construir as bases da Geografia Física no Brasil. Foram feitas poucas perguntas, aproveitando a característica principal do professor Jorge, seu costume de contar detalhadamente muitas histórias/histórias. As perguntas foram enviadas por e-mail, e respondidas no dia 27 de abril de 2020, já que no momento da entrevista estávamos em isolamento social.

Figura 1 - Professor Jorge Soares Marques – Litoral de Marataízes (ES).



Fonte: Foto cedida pelo autor em 27 de abril de 2020.

PRÓLOGO FEITO PELO ENTREVISTADO

Em tempo: Antes de você entrar em contato comigo, Mauro¹ me falou que você tinha falado com ele e que ficou um pouco apreensivo porque não sabia quem era e não entendeu muito bem o que você pretendia. Pelo que sei, no momento está muito recluso e suas condições de saúde não estão muito boas. Tem descartado envolvimento de qualquer tipo de atividade de trabalho.

Darei respostas, mas tendo qualquer dúvida poderei esclarecer e ampliá-las com complementações. Fico a sua disposição.

Antes porém gostaria de ressaltar algumas colocações que considero importantes e que, de certa forma, balizaram minha trajetória como estudante e professor. Lembro que quando a gente fala de si próprio acaba valorizando os acertos e omitindo os erros. Por isso peço considerar que em alguns momentos poderei estar valorizando mais do que devia as coisas que fiz.

Fui muito feliz, porque em toda a minha vida de estudante, desde o ensino fundamental até a universidade, tive um ensino público de alta qualidade, contando um corpo docente constituído por professores de renome, até hoje reverenciados pelos seus desempenhos profissionais. Consequentemente pude absorver ensinamentos que me

¹ Prof. Dr. Mauro Sergio Argento, professor aposentado do Departamento de Geografia da UFRJ.

possibilitaram ter também condições de ser um instrumento passível de ter importância na formação de outras pessoas.

Na minha carreira vivenciei grandes transformações no ensino superior do país e, em função disso, penso que minha trajetória ficou marcada ao longo do tempo por estar inserido em diversos contextos importantes.

Outro motivo de orgulho foi poder usufruir para a minha carreira da convivência, em ambientes de trabalho, com inúmeros professores/pesquisadores altamente capacitados e reconhecidos nacionalmente pelo valor das suas atuações e realizações no ensino, pesquisa e extensão. Entre eles destaco os que são lembrados aqui, com os quais trabalhei mais diretamente no desenvolvimento de pesquisas, e a quem muito devo por hoje sentir que sou um pessoa realizada profissionalmente.

Em minha atuação sempre levei em conta alguns princípios e comportamentos que acredito terem valor. Entendo que a formação, compreendida em seu sentido mais estrito, envolve o estímulo pelo desenvolvimento do espírito crítico, sendo este um objetivo importante no ensino.

Acho que embora essa formação tenha um papel extremamente valorizado para a vida e atuação profissional, de um professor ou de um pesquisador, a transmissão do conhecimento não pode ser omitida ou negligenciada, pois ela sempre foi o meio mais direto de desenvolvimento e crescimento da sociedade humana. Por isso buscava sempre levar aos meus alunos os chamados conhecimentos básicos, envolvendo conceitos atualizados, pois eles eram e seriam também, em alguns momentos, agentes de difusão de novas concepções e de formas mais precisas de entender a realidade.

Acho que as teorias são formas mais elaboradas de representar e entender as realidades (inclusive as virtuais) e que os alunos, para discutí-las e se apropriar do seu valor, têm que aprender e compreender o significado dos elementos importantes do seus conteúdos. Como um aluno pode entender e criticar a teoria Geomorfológica de Davis, que destaca a ação erosiva e deposicional da água, sem ter conhecimento do que é um rio e como ele atua na natureza? Há necessidade de uma base de conhecimento para avaliar e aceitar ou rejeitar uma ideia ou uma teoria.

Acreditava e continuo acreditando que para as atividades práticas, além de ser importante usar métodos adequados para alcançar resultados, é preciso ter e saber utilizar os

instrumentos necessários disponíveis, ou se valer de alternativas que possam gerar dados e informações confiáveis, mesmo que sejam mais simples. Ter algum conhecimento obtido com um modo criterioso e explícito é melhor do que nada.

Outro aspecto que sempre me preocupou: Para quem eu ensino geomorfologia?

Estava num curso de Geografia (dentro da tradição europeia). Isto eu levava em conta. Procurava estimular aqueles que queriam ou acabavam querendo no futuro trabalhar com geomorfologia. Mas reconhecia que era importante fazer com que os outros alunos entendessem que não estavam perdendo tempo aprendendo por obrigação de passar, o que eu ensinava. Isto porque no entendimento da estruturação do espaço, tão valorizado como objeto da Geografia, não se pode negligenciar a existência do relevo.

Nas minhas aulas e trabalhos de campo procurava sempre relacionar o relevo com outros componentes ambientais e com a presença do homem e as interferências antrópicas, que cada vez mais construíam uma nova natureza, como, com muita propriedade, teorizava Milton Santos.

Esse meu procedimento talvez deva ser relacionado a minha formação. Talvez tendo sido uma das últimas gerações de geógrafos e professores de geografia, que receberam e foram exigidos de ter uma base mais ampla e fundamentada de conhecimentos oriundos de Ciências Humanas e Físicas. Cabe ressaltar também a qualidade dos níveis de ensino anteriores que tivemos.

A massificação do ensino, que sempre tem como resultado a diminuição do seu nível, levou-me a um esforço de não reduzir o conteúdo das aulas, porém reconhecer a necessidade de criar e adaptar novas forma de transmiti-lo.

ENTREVISTA

M. L. G. D

1) Como eram os debates geomorfológicos com os professores Mauro Argento, Dieter Muehe e Sandra Cunha?

J. S. M.

Estes foram colegas mais próximos em relação ao meu interesse e atuação com a Geomorfologia Costeira e Fluvial. Entendo aqui como debates oportunidades de apresentar e discutir com colegas assuntos pertinentes ao ensino e a pesquisa. Acho que os debates geomorfológicos dentro da Geografia, ao longo do tempo não se deram da mesma forma.

Até os anos 60, do século passado, no Rio de Janeiro, atividades do IBGE e da Regional da AGB, formalizavam encontros e atividades envolvendo geógrafos para discutir assuntos geográficos e também para em conjunto produzirem trabalhos. Como exemplo: os resultados das Tertúlias, publicadas no Boletim Geográfico, que eram reuniões marcadas para discutir assuntos de interesse do conhecimento geográfico; e os Boletins Cariocas de Geografia que publicavam também os trabalhos que resultavam de excursões com a participação de vários geógrafos. Não podem ser esquecidos os encontros e congressos nacionais organizados pela AGB, como locais de interação entre os que trabalhavam com Geografia.

A partir da reforma universitária em 1968, grandes mudanças ocorreram. Passaram a existir projetos de pesquisa que reuniam diversos pesquisadores e mais projetos de pesquisa individuais. Um incentivo aos projetos individuais, salvo melhor juízo, foi a extinção das cátedras e o ingresso de muitos novos professores em início de carreira, no processo de expansão das universidades, assumindo individualmente novas linhas de pesquisas.

Com a Pós-Graduação aconteceram possibilidades maiores de intercambio entre pesquisadores de diferentes instituições. Não tenho ideia da existência de momentos formais, em departamentos de Geografia, para debates entre pesquisadores.

As oportunidades, acredito que, até hoje, sejam as reuniões científicas e comissões temáticas de associações científicas, a realização de trabalhos conjuntos. De forma mais direta, nas oportunidades criadas durante a atuação de bancas de trabalhos de final de curso, em diversos níveis, na apresentação, avaliação e discussão dos conteúdos e no oferecer sugestões.

Não há como esquecer os bate papos de corredor e os encontros, ocasionais nas mesas de almoço. Vou falar de cada um deles, tentando colocá-los num contexto dentro de uma linha do tempo.

Antes deles não posso deixar de falar do Prof. Jorge Xavier da Silva. Foi a partir de sua aula de Geomorfologia no Departamento de Geografia, da Faculdade de Filosofia da

Universidade do Brasil, atual UFRJ, que me interessei pela disciplina. Fui seu bolsista de iniciação científica e depois seu orientando de Mestrado. Com ele tive um intenso aprendizado de conhecimentos e técnicas de trabalho em geomorfologia, envolvendo também oportunidades de participação em seus projetos e diversas atividades de ensino e pesquisa.

Xavier e Maria Regina Mousinho, antes de meu ingresso na UFRJ, já se destacavam junto ao Prof. João Bigarella no estudo e divulgação da Geomorfologia Climática no Brasil. Depois Xavier foi aos EUA completar seu doutorado com uma tese sobre o litoral da América do Sul e, na volta ao Brasil acabou deixando a Geomorfologia e se dedicando aos trabalhos voltados para Sistemas de Informação, culminando com a criação do SAGA². A Prof. Regina deu continuidade ao seu trabalho criando uma linha de pesquisa da Geomorfologia do Quaternário, da qual mais adiante passaram a fazer parte Josilda³ e Ana Luiza⁴. Vivenciei o desenvolvimento dessa linha de pesquisa nas oportunidades das trocas de conhecimento em participações em bancas de Mestrado e Doutorado

O meu ingresso como prof. Auxiliar de Ensino (na época cargo similar ao atual Prof. Substituto/ entrei posteriormente para o quadro docente por concurso), em 1970, foi indicação da Prof.^a Maria Luiza Fernandes Pereira e do Prof. Xavier. Logo passei a participar de um projeto em Geomorfologia Costeira, que era coordenado por ele, tendo também como participante o Prof. Dieter.

O colega Dieter, ingressou na UFRJ quando eu ainda era aluno, cursando com ele sua Disciplina denominada Geografia Marinha. No projeto como bolsista e sob sua orientação participei de trabalhos de campo no levantamento das características de sedimentos ao longo de um perfil que cortava as duas restingas na Baixada de Jacarepaguá. Posteriormente, já como professor, assumi a responsabilidade de trabalhar um novo perfil, seguindo os métodos de trabalho assimilados com o Dieter e contando com a colaboração do Prof. Elmo Amador. Um terceiro perfil ficou sob a responsabilidade do Elmo, do qual também participei. Os trabalhos na Baixada de Jacarepaguá resultaram em publicações, assim como dados e informações por nós obtidos, constaram de relatório publicado de projeto da Petrobras, sobre a Baixada de Jacarepaguá, que buscava conhecer melhor os ambientes

² Sistema de Análise Geo Ambiental. Prorama para construção de mapas e bancos de dados geográficos desenvolvido pela UFRJ.

³ Prof.^a Dr.^a. Josilda Rodrigues da Silva de Moura (Departamento de Geografia da UFRJ).

⁴ Prof.^a Dr.^a. Ana Luiza Coelho Netto (Departamento de Geografia da UFRJ).

costeiros deposicionais, como fonte de informação para interpretações geológicas necessárias na busca de petróleo.

Logo depois de entrar para a universidade, em 1972, teve início o Curso de Mestrado em Geografia na UFRJ (o segundo no país) e os professores não titulados em pós-graduação em Geografia, como eu, Dieter e Elmo ingressaram na primeira turma. Como colegas de turma realizamos alguns trabalhos de grupo. Muitos trabalhos discentes, passíveis de publicação, tiveram apenas seus resumos, apresentados numa publicação do Programa de Pós-Graduação da UFRJ, que fazia uma retrospectiva das atividades do curso.

Com o Dieter e Mauro, devo lembrar, criamos e oficializamos a existência de um Laboratório de Geomorfologia fluvial, Costeira e Submarinha. Embora exista uma interface importante dos ambientes fluviais e marinhos, nunca chegamos a fazer um projeto conjunto. O Laboratório acabou sendo uma referência dos locais onde fazíamos nossa atividade de pesquisa.

Sandra Batista, a conheci no tempo em que estávamos como estagiários no IBGE, atual Fundação IBGE. Na época nossos contatos não eram grandes estávamos em setores diferentes dentro da Instituição. Isso quando lá estive, de 1968 a 1970.

Curiosamente, eu, o Elmo e ela não estávamos estagiando no setor de Geomorfologia. Sandra não me lembro onde, o Elmo era da Climatologia e eu da Agrária.

Nos encontrávamos em reuniões da AGB, em eventos promovidos pelo IBGE e nos trabalhos em que todos os bolsistas participavam. Um desses trabalhos que fizemos, ganhando crédito na publicação resultante. Foi o levantamento de dados para a criação das Micro-Regiões Homogêneas Brasileiras, em substituição as antigas divisões fisiográficas. Essa divisão até hoje define o nível de grupamento de municípios, utilizados para o tabelamento e apresentação de todos os dados dos censos realizados pelo IBGE.

Eu e Elmo saímos do IBGE (não tínhamos nenhum contrato), pois já estávamos trabalhando como Auxiliares de Ensino na UFRJ e nosso pedido de trabalhar 40 horas semanais com dedicação exclusiva tinha sido aprovado. Logo a seguir o IBGE deixou de ser autarquia e virou fundação e os estagiários, grande parte já formados, foram despedidos. Como a situação era irregular, o IBGE foi processado pelos estagiários e perdeu a causa tendo que indenizá-los. Voltei a ter contato com Sandra só quando ela ingressou na UFRJ.

Há ainda a minha história com Elmo, quando depois da graduação fizemos um curso de um ano para obter o título de Geógrafo (já eramos licenciados e bachareis). O curso foi lançado pela UFRJ, para graduados com duração de 1 ano, após sair a

regulamentação da profissão de Geógrafo. Cada Disciplina tinha como resultado um trabalho final. Na disciplina de Agrária, eu e ele fizemos um trabalho sobre os assentamentos das glebas (criadas em reforma agrária) existentes em Papucaia -RJ (hoje município de Papucaia). Além do texto, foram produzidos vários mapas temáticos em cartogramas de grande escala, que identificavam a localização e o limite de cada propriedade, em cada gleba, com os respectivos valores atribuídos a ela. O texto e os mapas nunca foram publicados, porém foram utilizados durante muitos anos nos trabalhos de campo das disciplinas de Geografia Agrária do Departamento de Geografia da UFRJ.

Em 1972, o Dieter, o Elmo e eu, ingressamos no Curso de Mestrado do Programa de Geografia, formando a primeira turma. Além da convivência chegamos a fazer trabalhos juntos em disciplinas. Restaram títulos inseridos em publicação interna do programa da pós, relacionando atividades desenvolvidas. Certamente, pelos níveis de exigência cobrados em suas elaborações teriam condições de serem publicados.

Minha Dissertação de Mestrado (em 1976), orientada por Xavier, refletiu meu envolvimento com a Geomorfologia, mas ao mesmo tempo demonstrou que havia assumido interesse por sistemas, técnicas quantitativas e mapeamentos. “Comparações Quantitativas entre as Baixadas de Jacarepaguá e Sepetiba”⁵ reuniu na dissertação a Geomorfologia, o interesse por sistemas, via a leitura da abordagem de Antônio Christofolletti⁶ em seu livro publicado em 1970 (que adotei em minhas aulas) e na minha participação na nova linha de trabalho adotada por Xavier em direção à criação de um Sistema de Informação, com base na localização geográfica.

Ao terminar o Mestrado, mesmo não tendo doutorado ingressei para o quadro de docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ, por indicação e aprovação do Conselho de Pesquisa da Universidade, com base na minha qualificação. Com isto ampliaram-se os meus horizontes de atuação e interação com outros profissionais em pesquisas e particularmente no ensino com uma disciplina de sistemas na pós, que reunia sempre interessados de diversas áreas temáticas.

Até 1983, só existia um curso de doutorado em Geografia (na USP) e os cursos de Mestrado na UFRJ, USP e UNESP. Nesse ano teve início o segundo de doutorado na UNESP e no final desses anos 80 tem início o terceiro da UFRJ. A partir de 1990 começou uma grande expansão dos Mestrados em Geografia.

⁵ Título de sua dissertação de mestrado em geografia.

⁶ Ex professor da Universidade Paulista Julio de mesquita Filho (UNESP – Rio Claro).

Talvez meu maior envolvimento de trabalhos com colegas ocorreu com Mauro Argento. Ele ingressou no Curso de Graduação em Geografia da UFRJ no início dos anos de 1970. Era mais velho do que eu. Fui seu professor e como obtive uma bolsa de iniciação científica, com a orientação do Xavier, passou a trabalhar num projeto que eu também participava. Já era uma pessoa adulta, estava muito cioso de suas responsabilidades em se capacitar para logo atuar como professor e geógrafo.

No projeto que estávamos, eu assumia a responsabilidade de coorientar os bolsistas do Xavier, em atividades que envolviam trabalho de campo e laboratório. Inclusive quando Xavier foi completar seu doutorado no exterior, oficialmente passei a ter a responsabilidade de orientar, além dos meus bolsistas, os dele também.

Terminando a graduação, o Mauro ingressou no mestrado, sendo novamente meu aluno. A partir do sua ideia em fazer sua dissertação na planície costeira do Paraíba do Sul, tive interesse em participar com ele de seus trabalhos de campo, para melhor conhecer a área, conseqüentemente podendo auxiliá-lo com os meus conhecimentos e experiências sobre os ambientes costeiros.

Durante a segunda metade dos anos de 1970, tivemos a oportunidade de participar juntos de várias atividades como por exemplos: a) Alunos do 1º Curso de divulgação do uso de imagens de satélite, promovido pelo INPE em 1975; b) Por convites recebidos fizemos várias palestras relativas ao uso de técnicas quantitativas em pesquisa; c) Com a saída do Xavier para criar o Sistema Informação do Projeto RADAMBRASIL, eu e o Mauro ficamos responsáveis por dar continuidade no projeto dele.

No seu regresso, voltou a desenvolver o seu projeto em direção a criação do SAGA e nós, concluindo o que fizemos, publicamos o resultado do trabalho no periódico Geografia, descrevendo um Sistema de Informações, mostrando os programas e sua utilização, em uma área da Baixada Campista no norte do estado do Rio de Janeiro, inclusive, com uma simulação identificando as áreas que seriam inundadas com um certo nível de cheia do rio Paraíba do Sul e identificando quais as atividades que existiam nesses locais.

Tive conhecimento que ele foi considerado o primeiro trabalho publicado em geografia expondo um sistema e seus resultados.

Nem sempre era possível dispor de instrumentos e equipamentos, por isso tivemos que partir para criar alternativas. Foi o que ocorreu com a necessidade de medir vazão fluvial. Mesmo admitindo a margem de erro prevista para o uso de flutuadores, passamos a usá-los para medir vazão, principalmente de pequenos rios, com critérios definidos e

materiais padronizados. Constatamos inclusive que para grandes rios (como o Paraíba do Sul) nas vazantes, os resultados eram muito bons, comparados em curvas de vazão realizadas com instrumentos de precisão.

Por algumas circunstâncias pessoais não saímos para o exterior em busca do doutorado, como outros colegas mais novos o fizeram. As possibilidades de doutorado em Geografia só haviam na USP, com muita procura. Em função das questões ambientais que estavam tendo importância reconhecida e crescente surgiu a idéia de fazer o Curso de Economia.

Ao terminar o curso surgiu mais uma possibilidade de doutorado em Economia na USP, em 1983, onde foi aberta uma linha de trabalho, que colocava o meio ambiente em destaque. Entretanto soubemos da abertura do Doutorado na UNESP e acabamos ingressando na primeira turma, tendo como orientador o Prof. Antônio Christofolletti.

Nos anos de 1980, tivemos também uma participação em trabalhos relacionados ao Projeto de Gerenciamento Costeiro criado pelo Governo Federal tendo a Marinha como responsável. Em várias oportunidades estivemos presentes em reuniões de trabalhos do projeto, participando inclusive com sugestões.

Fiz uma sugestão que foi acatada. Sugeri que fosse feita solicitação ao CNPq para, em caráter excepcional, criar uma cota específica de bolsas de iniciação científica, para serem concedidas aos projetos que tinham temáticas relacionada ao Gerenciamento Costeiro, incentivando jovens a se envolverem nesses trabalhos.

Os dois últimos envolvimento maiores de trabalho que tive com o Mauro foi participar dos trabalhos de campo da sua tese. Nos reencontramos novamente na UERJ, quando ele como visitante atuou no Curso de Cartografia.

Não posso deixar de mencionar a influência que tive dos trabalhos de Christofolletti que li e de sua orientação quanto ao andamento da minha tese.

Voltando a falar da Sandra Baptista Cunha, estivemos juntos, durante 4 anos na Comissão de Geomorfologia da Sociedade Brasileira de Geologia. O trabalho mais interessante e importante que fizemos foi um levantamento do ensino e da pesquisa em Geomorfologia no Brasil (acredito que foi primeiro). Ele foi publicado pela Comissão e distribuído em um Congresso de Geologia realizado em Belém. Este trabalho abriu caminho para outros que fizemos e publicamos.

Outra participação, foi a importante iniciativa dela e do Antônio Guerra⁷ em organizar um livro de Geomorfologia em 1993/94 (Geomorfologia: uma Atualização de Bases e Conceitos) na qual escrevi o 1º capítulo. É interessante lembrar que os dois livros didáticos de Geomorfologia que eram utilizados foram os de Christofolletti e de Margarida Penteadó, publicados em 1970. A última informação que tenho é que ele já estaria na 13ª edição. Sem dúvida a Sandra e ao Guerra devemos o reconhecimento que com este livro, e outros que organizaram com qualidade, abriram caminho para a produção de novos livros na Geografia.

Levei em conta para escrever o capítulo que o texto seria lido não apenas para apresentar a Geomorfologia mas, por ser uma obra a ser utilizada como livro texto. Este primeiro capítulo, era uma introdução que deveria criar uma expectativa e um estímulo para o leitor melhor conhecer essa temática e sua possibilidade de aplicação. Dai, fazê-lo com uma linguagem mais simples, porém acessível.

A última oportunidade que tivemos de trabalhar juntos podia ter acontecido e não aconteceu, Fizemos, eu e ela, um projeto, com a participação do Prof. Antônio Paulo⁸ e encaminhamos pedido de apoio ao CNPq. O Projeto foi aprovado, porém comunicaram que no momento não tinham recursos solicitados para conceder, mas assim que houvesse disponibilidade seria atendido o pedido. Entretanto, estavam concedendo as bolsas solicitadas.

Na ocasião era Diretor do Instituto de Geociências da UFRJ e ao término do mandato pedi minha aposentadoria. Algum tempo depois fui consultado se ainda queria receber os recursos aprovados. Aceitei a responsabilidade de receber e disponibilizar os recursos e o projeto continuou sob a coordenação da Prof. Sandra Sandra. Comprei os equipamentos que foram solicitados, entre eles um fluviometro importado, que até então não tínhamos disponíveis. Posteriormente, eu na UERJ e ela na UFF, voltamos a nós encontrar em bancas de trabalhos de nossos orientandos

Tenho certeza que a minha relação de trabalho e amizade, com todos os citados, foi muito importante para contribuir no meu desempenho como pesquisador e professor. Fico devendo a menção a muitos outros, não citados, na qualidade de professores ou alunos, que também se fizeram importantes contribuindo de alguma forma em minha formação e no

⁷ Prof. Dr. Antônio José Teixeira Guerra (Departamento de Geografia da UFRJ).

⁸ Prof. Dr. Antônio Paulo Farias (Departamento de Geografia da UFRJ).

desempenho de minhas atividades. Por certo tive a oportunidade de ter contato com colegas brilhantes na Geografia e em diversas áreas com quem muito aprendi

M. L. G. D.

2) É perceptível, olhando o seu currículo Lattes, que publicou poucos artigos e livros. Por que?

J. S. M.

Em primeiro lugar, devo esclarecer que fui relaxado com meu currículo. Há algum tempo penso em me corrigir e preencher lacunas.

Desde 1970 estive como coordenador ou participante de projetos de pesquisa. Particpei com trabalhos orais em mesas redondas que não publicavam o trabalho apresentado, orientei bolsistas de iniciação científica e aperfeiçoamento desde o início dos anos, participei de dezenas de bancas de qualificação de mestrado e doutorado que não constam em meu currículo.

No final dos anos 1980 o CNPq fez alterações na forma de registro das produções. Por exemplo: inicialmente o bolsista de iniciação e de aperfeiçoamento era indicado no currículo pelo nome, pelo tipo e período de vigência da bolsa e, ainda, pela instituição que concedeu a bolsa. Os bolsistas do currículo lattes passaram a não constar e eu não os recoloquei.

Quando fiz concurso em 2000 para a UERJ, ao fazer o memorial, só então tive que dar importância às lacunas, anexando comprovantes de quase tudo que não constava em meu Currículo Lattes.

Sempre tive um contato com o CNPq bastante importante, em situações de aprovação de recursos solicitados para atividades que implementava. Porém tenho uma lembrança negativa quando fui vítima da burocracia, ao perder minha bolsa de Pesquisa.

A Universidade reconheceu minha qualificação, num tempo de poucos doutores, para mesmo como professor assistente, ingressar e atuar no quadro de professores de um curso de pós-graduação reconhecido, até hoje, como o maior nível de qualificação atribuído pela CAPES⁹.

⁹ O Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro possui nota 7 na CAPES.

O CNPq me concedeu uma bolsa de Pesquisa. Ao ser aprovado o plano de carreira universitária nas universidades federais, passaram a existir categorias e promoções horizontais e verticais. Concorrendo, como tinha o direito, a promoção vertical, fui considerado apto para passar de Assistente para Adjunto. Foi com surpresa que recebi carta do CNPq, que guardo até hoje, comunicando que por receber mais do que o teto para a bolsa, ela seria cancelada, ou seja, eu deixava de ser considerado um pesquisador, não por incompetência mas por ter o mérito de ser promovido e ganhar maior salário.

Acho até hoje que poderiam, em caso como este, manter com a qualidade de pesquisador, sem pagar a minha bolsa e me orientar a pleitear uma nova bolsa em nível maior. Preferi não mais solicitar bolsa, mas continuar apenas ganhando da instituição o apoio para as minhas iniciativas.

Porque não publiquei, é a pergunta.

Acredito que não foi por não ter algo de valor para publicar. Na universidade preenchemos formulários discriminando horas que dedicamos ao Ensino, a Pesquisa, a Extensão e a Administração. Isso é uma ficção burocrática. A meu ver não importa definir o tempo. O que importa é avaliar os resultados do trabalhos. Existem muitos equívocos na avaliação. Como ser nota 10 em todos os quesitos, dividindo o trabalho em 40 horas por 4. Junto as imposições de cargas horárias de aula, tem o tempo pesquisa (quanto tempo colocamos nos trabalhos de campo, se ficamos varias 24 horas fora de casa, em serviço?

Fiz minhas opções e não me culpo por elas e me orgulho delas. Sempre dei muita importância às minhas aulas. Os conteúdos se repetiam, mas as formas de apresentá-los tinham que ser diferentes, as turmas eram diferentes, os meios eram diferentes, os interesses mudavam, as motivações tinham que ser diferentes e as características dos alunos e suas expectativas eram diferentes. Desafios que para vencê-los com o total de horas formais estabelecidas para atuação tinham que ser extrapoladas. O mesmo ocorria com as orientações. O importante não era só terminá-la. O que mais valia era saber que o final do trabalho significava que tinha dado ao orientando uma caminho a seguir, e que ele já entendia o que precisava para atuar.

Tive sempre uma participação que tem opiniões controvertidas quanto ao mérito. São as relativas às atividades administrativas na Universidade. Acredito que existam pessoas com capacidade de administrar bem instituições de ensino e pesquisa sem ter experiência nessas atividades. Mas os que estão nessas instituições vivenciam o que nela existe e sabem, sem precisar assessoria para fazer diagnósticos, quais são os problemas e buscar soluções. As

atividades administrativas podem ser vistas como um fardo a ser carregado ou podem ser apenas mantendo o que existe. Por não entender assim, ocupei várias comissões e cargos, pensando e me comprometendo a contribuir para melhorar as condições de funcionamento das atividades fins.

Tenho orgulho dos cargos que ocupei, por poder dizer que com eles contribui para criar melhorias das condições para o desenvolvimento do ensino e a pesquisa. Fui varias vezes chefes do Departamento de Geografia na UFRJ e na UERJ, diretor de Instituto na UFRJ e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ, em seus primeiros anos de funcionamento.

Apenas para citar algumas coisas que tenho consciência de ter contribuído de forma marcante: Como diretor na UFRJ sei que com o meu vice, o Geólogo Leonardo¹⁰, fizemos muita coisas, em prol da melhoria das condições de infraestrutura do Instituto de Geociências, que poderiam ser citadas.

Demos andamento a um projeto que, através da colocação de cabos de fibra ótica, seguidos de roteadores, 5km de cabos coaxiais, permitiram a instalação cerca de uma centena de pontos de conexão para computadores se ligarem a internet. Permitindo ainda um laboratório de informática que criamos para a graduação, com 25 computadores modernos (para a época) serem ligados a rede estabelecida. Ao sair também deixamos montados quatro novos terminais de fibra ótica que até hoje existem assimilando novas ligações diretas a internet.

Na UERJ, com a colaboração dos professores e funcionários, conduzi o processo de criação do programa de pós-graduação. Tenho consciência que no início na coordenação do curso enfrentei dificuldades de infraestrutura e se não tivesse me dedicado efetivamente no cargo, com o apoio sempre presente do meu vice, Prof. Gilmar¹¹, assim como da qualidade dos professores e dos que me sucederam na coordenação, o programa não teria chegado tão rápido ao reconhecimento de qualidade pela CAPES (aprovação em curto prazo a implementação do doutorado) e pelas demais instituições de ensino superior.

Entre outras atividades que me dediquei estão as responsabilidades por organizar eventos, que julgo também como importantes contribuições para o ensino e a pesquisa, mas que demandam muita dedicação e tempo de envolvimento. Algo similar acontece nos cargos

¹⁰ Prof. Dr. Leonardo Borghi (Departamento de Geologia da UFRJ).

¹¹ Prof. Dr. Gilmar Mascarenhas (ex professor do Departamento de Geografia Humana da UERJ, falecido em 2019).

administrativos que, no meu entender, aos serem assumidos com responsabilidade extrapolam os limites de horas fixados pelos padrões.

Não posso esquecer que em relação as minhas pesquisas, saí de uma instituição dispondo de uma infraestrutura bem montada de apoio para outra onde não tinha esses recursos. Lembro também que saí da UERJ com data marcada para terminar minhas atividades ali (por idade entrei na saída compulsória).

Voltando às publicações, não há dúvida que publiquei pouco. Entretanto considero que alguns de meus trabalhos publicados trouxeram novas contribuições para a Geomorfologia e para Geografia Física. Salvo melhor juízo.

Considero também que, com tantas atividades que me dediquei, ficava muito difícil sobrar tempo para pesquisar e escrever. No início dos anos 1990, passei a fazer parte também do quadro docente do curso que se iniciava da pós-graduação em Ecologia da UFRJ. Alunos dos cursos de Biologia faziam disciplinas na Geografia, inclusive a minha. Percebi que seria uma boa experiência aceitar o convite para lecionar também lá, onde poderia criar uma disciplina cujo conteúdo (apoiado por conhecimentos de geomorfologia) tivesse importância e interesse para a ecologia. A disciplina foi: ambiente fluvial.

No meu currículo Lattes é possível verificar o meu grande envolvimento com ensino na UFRJ e na UERJ. Principalmente com o ensino e a administração a consumir meu tempo. Acabei tomando como alternativa estar na pesquisa viabilizando condições de produções individuais de meus orientandos. Preferi dar oportunidade aos meus orientandos de produzirem trabalhos com questões e temas que sugeria, sem buscar coautorias em trabalhos paralelos. Transferia para eles o valor do trabalho que representava mais para o futuro deles, iniciando a carreira, do que para mim, que apenas ficava satisfeito em ter bem orientado. Ficava contente muitas vezes com o resultado da pesquisa porque eles faziam o que eu não tinha tempo de fazer (confirmando também que eu estava certo no valor que o trabalho poderia assumir).

Tenho ainda muitas ideias sobre trabalhos, passíveis de publicações, mas nem sempre as circunstâncias permitem concretizar as intenções. Depois de sair da UERJ tive que suplantar problemas relativos à visão que me restringiam assumir compromissos. Depois de resolver a questão mais simples de operações de catarata, com sucesso recebi uma córnea transplante e sem maiores preocupações estou na fila para receber outro transplante, para a outra vista. Acreditava que esse ano pudesse começar a trabalhar com colegas e a publicar

sobre assuntos para os quais já venho reunindo material. Entretanto com a pandemia¹² tenho que adiar os planos.

M. L. G. D.

3) Como era seu planejamento e suas práticas lecionando disciplinas de Geomorfologia?

J. S. M.

Do que disse, relembro ser importante saber que também dava aulas para quem tinha pouco interesse na Geomorfologia, preocupando-me em pelo menos fazer dele, um aluno que assistia as aulas com prazer e retribuía demonstrando nas provas que tinha assimilado conhecimentos sobre a matéria.

Minhas atividades de pesquisa e minhas participações em bancas de final de curso, trouxeram contribuições relevantes para o conteúdo dos conhecimentos e ilustrações presentes em minhas aulas.

Apesar das ementas das disciplinas estarem fixadas no currículo do cursos, sempre há uma liberdade das formas de ministrá-las. Levava em conta, principalmente, dar uma maior ênfase nas questões que eu julgava mais importantes.

Assumi sempre disciplinas de Geomorfologia, de forma mais rotineira duas delas. Uma era sempre a primeira a ser ministrada nos currículos de Geografia, tratando dos processos geomorfológicos. A outra era Geomorfologia Fluvial.

Tinha a preocupação na primeira aula de fornecer aos alunos o programa da disciplina, uma lista de bibliografia e o calendário das atividades, incluindo sempre trabalho de campo. A principal preocupação era diagnosticar o nível da turma e nas primeiras aulas sentir a participação e as características individuais dos alunos. Nunca comecei uma aula sem fazer uma ponte com a anterior e sem criar uma expectativa (motivação) pelo assunto que seria tratado. Acho que tinha uma forma pessoal de dar aula e fazer com que os alunos ficassem ligados nela.

La colocando os conteúdos como se eu estive fazendo perguntas e logo após um pequeno espaço de tempo colocava as respostas. Supunha que com isso, fazia os alunos intuitivamente procurassem respostas em suas mentes e em seguida, ouvindo a resposta pudessem confrontar se estavam certos ou errados.

¹² Pandemia de Covid 19 que acomete o Brasil, e seguindo as recomendações da Organização Mundial da Saúde, estados adotam o isolamento social.

Não me lembro de ter perdido o controle de uma turma. Penso que pelo fato de sempre tentar relacionar o que estava ensinado com exemplos e ilustrações como meios de mostrar sua presença na realidade, assim como muitos terem sido vivenciados por mim no que fazia e lia, conquistava a atenção dos alunos. Não me furtava ainda em atender os alunos fora da sala de aula. Não deixava de responder as perguntas se de fato soubesse as respostas.

Outro aspecto que sempre levei em conta foi cumprir minhas obrigações como professor. Não deixava de dar aulas por assumir compromissos que eu podia marcar em outras datas ou horários. Dificilmente deixava de chegar ao conteúdo da última aula (cumpria o programa).

Procurava sempre dar trabalhos individuais que julgava serem eficientes para a fixação da matéria dada, independente do quanto eles demandariam de meu tempo de trabalho. Ao corrigir não dava apenas nota, fazia anotações e deixava mensagens pertinentes ao meu julgamento. Procurava não fazer da prova um castigo. Buscava ter respostas das coisas que eram importantes. Em questões subjetivas que admitiam respostas mais trabalhadas se possível, subdividia o valor, não ficando no tudo ou nada.

Tinha preocupação com os que iniciavam com baixo desempenho, queria saber seus motivos e suas dificuldades.

Para os trabalhos de campo sempre tive a preocupação de não improvisar. Ter tudo sob controle. Se definia um novo trabalho para um lugar onde ainda não tinha ido, ia lá antes avaliando as facilidades e buscando soluções para as dificuldades. Tinha sempre muita preocupação em não expor os alunos a situações de risco.

Cada trabalho de campo tem um formato para atender objetivos propostos. No caso de trabalhos de campo das disciplinas de Geomorfologia era uma oportunidade dos alunos poderem identificar formas de relevo, resultados das ações de processos e mesmo presenciar a atuação de processos, que foram descritos e explicados em sala de aula. Junto a observações feitas num local, tinha a preocupação delas serem relacionadas aos outros componentes do ambiente, incluindo a ocupação humana. Tentava sempre fazer com que os locais visitados fizessem parte de um ambiente de maior escala, para poder explicar as condições pretéritas da geologia e do clima e os registros locais que existiam dessas transformações.

Nesses trabalhos ocorriam oportunidades dos alunos praticarem técnicas de levantamento de dados e informações, cujos métodos de uso tiveram conhecimento nas aulas. Alertava que trabalho de campo não era passeio e exigia atenção, assim como

avaliações individuais do conteúdo apreendido. Abominava nos trabalhos dos alunos o corta e cola.

Acredito que fui rigoroso na minha atuação como professor, mas sempre tentei transmitir um comportamento alegre e respeitoso para com todos. Pelo menos até hoje é o que constato quando sou recebido, com muito carinho, por todos alunos que reencontro.

M. L. G. D.

4) Que dificuldades encontrou para executar suas pesquisas e que saídas desenvolveu para superá-las?

J. S. M.

No caso dos temas abordados pela Geografia Física, conseqüentemente pela Geomorfologia, o trabalho de obtenção de dados e informações passa a ser uma tarefa difícil, pois não existem muitas vezes, fontes disponíveis. Em função disso, a execução de trabalhos só é viável quando se arca com a obrigação de inicialmente preencher essa lacuna. Exemplificando: Muitos trabalhos na Geografia Humana podem começar obtendo os dados dos levantamentos censitários feitos pelo IBGE. Somente há pouco tempo o IBGE começou a fazer e disponibilizar dados ditos ambientais em levantamentos sistemáticos, como os relativos as condições de saneamento básico.

Dificuldades também com mapeamentos geológicos, pedológicos e de vegetação, que não existem em escalas maiores para todo o país. O importante trabalho do RADAMBRASIL que cobriu sistematicamente o Brasil, é o único nessas temáticas, oferecendo mapeamentos em escala pequena (1: 250.000). Até para a climatologia, a densidade dos postos meteorológicos é pequena. Maior quantidade apenas nas principais cidades.

Para suprir deficiência, na grande maioria das vezes, é preciso ter instrumentos, aprender a usá-los, ir ao campo com eles e recolher os dados. Muitos deles ainda precisam ser tratados (laboratórios) e classificados (em gabinetes). Para ter os instrumentos, dar-lhes manutenção, ir ao campo, tratar os dados coletados em laboratórios e gabinetes são necessários recursos. Ou seja, a pesquisa torna-se cara e os recursos quase sempre são escassos. Além disso, ao longo do tempo as novas tecnologias impõem correr atrás dos novos instrumentos e equipamentos que são mais precisos e barateiam custos. Os recursos são dados principalmente pelos órgão de fomento, que selecionam os pedidos que irão

atender. É importante lembrar que um equipamento de pesquisa muitas vezes era o único a ser disponibilizado para atividades de ensino.

Quando entrei para a universidade e comecei a trabalhar em pesquisa, o Departamento de Geografia da UFRJ, nessa época instalado no Largo de São Francisco no Centro do Rio de Janeiro, contava com alguns equipamentos antigos para fazer, por exemplo, análises granulométricas. Tinha um laboratório improvisado e não tinha laboratorista.

No trabalho mencionado dos perfis na Baixada de Jacarepaguá, Dieter, Elmo e eu, para fazer quase uma centena de análises granulométricas (de sedimentos coletados) levamos um tempo enorme com muita dificuldade. O vibrador disponível não era elétrico. Trinta minutos era o tempo necessário para peneirar a amostra no vibrador manual, tocado a manivela. Não tínhamos balança digital. As frações peneiradas eram colocadas num prato de uma balança e no outro íamos anexando pesos de gramas com uma pinça, até chegar ao equilíbrio para obter o peso (somando os pesinhos colocados). As curvas granulométricas eram feitas manualmente em papel gráfico (não existiam computadores) e os cálculos dos parâmetros eram feitos sem calculadoras digitais.

Com a ida do Instituto de Geociências para o Fundão¹³, foi feito um projeto para dotar de infraestrutura o laboratório existente e para a aquisição de instrumentos de campo, laboratório e gabinete. Vieram os vibradores elétricos, novos jogos de peneiras, balanças digitais e calculadoras digitais. Foi um salto.

Dai em diante aos poucos foram aparecendo novos projetos que obtinham recursos, novos laboratórios, laboratoristas. As dificuldades passaram para obtenção de recursos de manutenção, material de consumo e para trabalho de campo (diárias, gasolina, etc).

As pesquisas se ampliavam e demandavam maior número de certos equipamentos e instrumentos mais especializados, mais custeios e novas aquisições de equipamentos, cada vez mais de uso específicos.

Os professores passaram a ser responsáveis não só por trazer recursos para a sua pesquisa, como também por administrar pessoalmente os recursos, movimentar no banco dinheiro recebido em seu nome, fazer compras, fazer trabalhos de secretaria e de contabilidade dos gastos, fazer prestação de contas.

¹³ Ilha localizada na Baía da Guanabara em que se localiza a Cidade Universitária da UFRJ, contendo aproximadamente 70% dos cursos da universidade.

Essas dificuldades de trabalhos, não da pesquisa propriamente dita, começaram a serem resolvidas com a criação de fundações que tinham como objetivo dar apoio às atividades de pesquisa. As dificuldades de um pesquisador que recebeu recursos para comprar equipamento no exterior, passaram a ser sanadas pelo trabalho dessas fundações. A importação, que mencionei, do fluviometro para a minha pesquisa foi feita com o apoio da Fundação José Bonifácio¹⁴. Outro recurso foi fazer trabalhos com computador, que no início os existentes eram de grande porte, a dificuldade era aprender programação. As linguagens se sofisticavam e era mais um aprendizado a perseguir.

Os primeiros trabalhos de mapeamento, vistos hoje, parecem brincadeiras com máquinas de escrever. O Núcleo de Computação Eletrônica (NCE) da UFRJ adquiriu um Curso de Havard que permitia fazer mapeamentos temáticos. Não existiam equipamentos de plotagem, a impressão era similar a de uma máquina de escrever. Colocava os dados no computador e no dia seguinte estava pronto. Para ter um mapa ampliado, o resultado impresso em formulário contínuo tinha que ser recortado a tesoura e fazer a colagem das partes. Na época era um grande avanço.

Vieram os computadores “domésticos” e impressoras. Correr atrás de recursos para comprar. Com um computador para um professor e seus bolsistas, no princípio também usado para ser mostrado aos alunos fazendo-o funcionar. Mais adiante, como agora, o que a gente tinha estava ultrapassado. Teria que comprar outro que possa ter mais memória por exemplo, para atender a um volume maior de dados a serem trabalhados.

Algo similar aconteceu com as imagens de satélite. Inicialmente eram fotografias em papel para interpretações visuais, tendo preço de compra alto. Depois vieram as fitas, mais caras e necessitando do suporte do NCE, para guarda-las e as colocar para operar no grande computador. Depois tinha a internet que demorou a ser disponível.

As dificuldades relatadas apesar do trabalho maior do que se tem hoje com as novas tecnologias eram mais da obtenção dos recursos, da burocracias envolvidas, assim como demandas de trabalho administrativo.

Lembro que eu estava num centro de excelência. Mesmo como diretor participei de dois grandes projetos. Tinha dificuldades de tempo e poderia ter produzido mais do que produzi. Vale a pena ressaltar que procurávamos suprir as dificuldades que apareciam. Uma delas era a não disponibilidade de equipamento, inclusive não disponíveis na época para compra no Brasil. Mauro e eu partimos para trabalhar com flutuadores, como já relatei.

¹⁴ Fundação com sede no Rio de Janeiro destinada ao financiamento de pesquisas.

Mauro fez trabalhos com pluviógrafos alternativos de garrafas pet. Havia outros usados em demonstração de práticas de ensino, como balizas de Emery com cabo de vassoura, baliza com níveis para fazer topografia de canais de pequenos rios.

Quase 6 anos depois de adquirido o fluviometro que foi agregado ao patrimônio da UFRJ, enguiçou. Só poderia ser consertado pagando a ida do aparelho aos EUA, o serviço a ser feito e pagando o retorno ao Brasil. Com os recursos necessários daria para comprar um novo melhor. Ele (Mauro) foi aposentado por doença.

Ao me aposentar deixei a infraestrutura de pesquisa que dispunha. Fui convidado para dar aulas de Geomorfologia na PUC, lá ficando pouco mais de 2 anos. Fiz Concurso para a UERJ e passei. Como já relatei, não encontrei uma infraestrutura como tinha na UFRJ. Teria que recomeçar, porém tive o envolvimento com a criação e a implantação da Pós-Graduação em Geografia, além de outras atividades como em comissões diversas (entre outras: para avaliação de trabalhos em jornada de iniciação científica; para avaliar os pedidos de bolsa de pesquisa de professores da UERJ)

Tive um projeto aprovado pela FAPERJ, com obtenção de recursos para aquisição de livros e equipamentos de informática para a Pós-Graduação. Em duas oportunidades houve iniciativas de fazer grandes projetos em Geografia Física reunindo vários pesquisadores, mas eles não foram aprovados. Continuei criando condições que viabilizassem as pesquisas de meus orientandos. Sai da UERJ pela compulsória.

Considerações Finais

Encaremos essa entrevista como não apenas um relato de um professor pioneiro, mas como um apanhado de todo um período de construção de uma Geografia intimamente brasileira, criando seus novos alicerces para dar suporte ao que fazemos nos dias atuais. É uma amostragem genuína e sincera de como se fazia ciência a partir da reforma universitária de 1968.

Professores como Jorge Soares Marques, Dieter Karl Ernest Muehe, Mauro Sérgio Argento, Sandra Baptista Cunha, Elmo Amador, Jorge Xavier da Silva e Antônio Christofolletti foram pioneiros na construção de saberes da Geomorfologia e da Geografia como geral, no entanto, fica perceptível, que boa parte de suas contribuições são desconhecidas a novos estudantes e pesquisadores.

Reconhecer o valor de seus trabalhos que ficaram nos bastidores da construção cotidiana do saber geográfico, é muita mais do que homenageá-los. É resgatar a nossa memória enquanto ciência, que busca gerar conhecimentos que melhoram as condições de vida da sociedade.

Desacortinar e evidenciar seus trabalhos na universidade, nas funções de ensino, orientação e administração, fomentando aprendizagem e geração de novos conhecimentos é trazer à tona aspectos quase invisíveis dentro da pesquisa científica, que no Brasil, é genuinamente universitária.

Num período em que cientistas e universidades são atacados por governantes que menosprezam o valor do conhecimento científico, urge a necessidade de mostrar que ciência e conhecimento, é muito mais do que o que consta no currículo lattes.

Marcio D'Arrochella - Secretária de Estado de Educação, Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal do Rio de Janeiro Editora UFRJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Recebido para publicação em 05 de Agosto de 2020.

Aceito para publicação em 19 de Agosto de 2020.

Publicado em 19 de Agosto de 2020.